

**O ULTRAJE AO MORTO E A AUTORIDADE ENTRE OS VIVOS:
Ájax, de Sófocles.**

Jacquelyne Taís Farias Queiroz¹

RESUMO: Na literatura grega antiga, o termo *gêras* se refere a disputas de honra entre os homens; mas também os mortos são apresentados como dignos e reclamantes de honras, de um *gêras*, que deve se apresentar na forma de adequados funerais. Ájax tem o seu *gêras* negado ao não receber as armas de Aquiles como sinal e reconhecimento de bravura e distinção durante a guerra de Tróia. Mas por causa dessa desonra, Ájax, depois de morto, corre o risco de ficar sem outro *gêras*: os ritos fúnebres, direito que cabe aos mortos. Ao observar o empenho de Teucro para sepultar Ájax, o intento de Menelau em deixá-lo exposto para servir de alimentos aos animais selvagens e a discussão em torno do cadáver de Ájax podemos relacionar os procedimentos empregados para honrar/desonrar os mortos com a afirmação das hierarquias sociais e dos códigos de honra e comportamento que embasam a autoridade das aristocracias guerreiras na poesia trágica.

PALAVRAS-CHAVE: Ájax. Rito fúnebre. Géras.

A ação dramática de *Ájax*², de Sófocles, se desenrola em uma Tróia destruída, saqueada e incendiada pelos gregos vencedores. Mas, diferentemente de *Troianas*, o centro da ação trágica se situa no lado argivo, a acompanhar os acontecimentos que se desenrolam junto às tendas dos guerreiros gregos.

Na *Ilíada*³ diz o poeta que, dentre todos os heróis que participaram da expedição contra a cidade de Príamo, “Ájax Telamônio era o mais bravo entre os bravos”, o melhor de todos os guerreiros (II, 768). Mas os dois versos seguintes ofuscam esta afirmação da superioridade guerreira de Ájax: ele era o melhor dos aqueus... “enquanto o Aquileu vai remoendo a ira: / este [Aquiles] a todos excede, imáculo, senhor / dos melhores corcéis, mas resta junto às naus recurvo-singradoras, iracundo contra / Agamémnon, o rei” (*Ilíada*, II, 769-773). Ou seja, Ájax era o melhor dos guerreiros aqueus, mas somente no período em Aquiles permaneceu afastado dos combates, agastado com Agamémnon, chefe das tropas gregas. Era atrás do escudo de Ájax que os gregos buscavam proteção quando os troianos, liderados por Heitor avançavam e ameaçavam o acampamento dos aqueus. Era a Ájax que se recorria quando se tratava de resgatar um cadáver grego – como o de Pátroclo – das intenções ultrajantes dos troianos inimigos. Para alívio dos gregos, foi Ájax quem, em nome destes,

desafiou o temível Heitor em combate singular. Ajax, portanto, era um herói exemplar, mas segundo.

Morto Aquiles, e, em seguida, conquistada e saqueada a cidade de Tróia, os gregos decidiram que as armas do Pelida – armas magníficas, fabricadas por Hefestos – deveriam ser entregues, como prêmio de guerra, ao melhor guerreiro de todo exército. Ajax estava convencido de que, por justiça e por reconhecimento de seu valor, as armas de Aquiles lhe caberiam. Mas, no julgamento efetuado para a escolha do melhor guerreiro – julgamento conduzido pelos Atridas, Agamémnon e Menelau – decidiu-se que as armas deveriam ser entregues a Odisseu.

Ajax apreendeu o julgamento dos gregos como uma ofensa a sua honra, reagiu como se o furtassem de um prêmio que lhe pertencesse e atribuiu o resultado a tramas sórdidas e fraudulentas levadas a cabo pelos irmãos atridas e pelo astuto Odisseu.

Contudo julgo saber ao menos tamanha verdade:
se Aquiles, vivo, quanto a suas armas
devesse decidir do triunfo das conquistas de alguém,
nenhum outro as arrebataria em meu lugar!
Mas de fato os Atridas em favor de um velhaco [Odisseu]
as usurpara, desdenhando meus triunfos.
(Sóf., *Ajax*, v. 441-446)

Decidido a não permanecer desonrado, Ajax tramou sua vingança: numa noite, deixou sua tenda, sozinho, e rumou para as de Agamémnon, de Menelau e de Odisseu, decidido a matá-los e a todos os que se interpusessem em seu caminho. Mas os planos de Ajax foram frustrados graças à ação da deusa Atena. Quando o herói já se aproximava da tenda dos Atridas, a deusa provocou-lhe uma perturbação visual e o desviou do caminho dos chefes gregos, conduzindo-o a um campo onde estavam recolhidos os inumeráveis animais – bois, cavalos, cabras, carneiros – que os gregos haviam arrebatado dos troianos como prêmios de guerra e que aguardavam a devida repartição entre os soldados do exército.

Em seu delírio visual, Ajax confundiu os animais, e os pastores que os guardavam, com guerreiros gregos – Agamémnon, Menelau, Odisseu e os combatentes a eles leais – e, de espada em punho, a todos exterminou, em espantosa carnificina. Ajax arrastou um desses animais, ainda vivo, amarrado, para sua tenda – confundiu-o com a figura de Odisseu – e se dedicou, ao longo de toda a madrugada, a torturá-lo, até a morte, com seu chicote. Mas Ajax

deixou vestígios de sua ação, que foram seguidos por Odisseu que, assim, deslindou a terrível ação do filho de Telamon.

No alvorecer, os gregos descobrem os animais mortos, destruídos os prêmios de guerra; descobrem também os pastores assassinados e, logo, são informados sobre o autor da matança. Ajax nada pode oferecer para atenuar a ira dos gregos: afirmar que fora ludibriado, que pretendia na verdade matar os Atridas e Odisseu, significa apenas acrescentar mais um crime a sua conduta – o de tramar a morte dos chefes do exército. O herói que pretendeu agir em defesa de sua honra, de seu valor guerreiro, vê-se agora como alvo da ira e da zombaria dos guerreiros perante os quais se julgava o melhor; para completar sua desdita, ele está completamente exposto à decisão que, sobre ele, venha a tomar Agamémnon, senhor do exército e, agora, seu maior inimigo. Como resume Flávio de Oliveira⁴ (2008, p. 48): “ensandecido, Aias trucidara rebanhos dos gregos. À turpitude da traição acrescentou-se a vergonha do malogro ridículo. Os dânaos execram o propósito assassino e zombam desbragadamente de seu fracasso”.

Incapaz de vislumbrar qualquer alternativa que o livre da desonra e da humilhação, Ajax chega a desejar que os guerreiros gregos se unam e o enfrentem em combate, com lanças na mão, até a morte:

Para onde então fugir? Aonde irei e ficarei,
se meus feitos se esvaem, amigos [referência aos membros do Coro], junto
com estes aí [os animais mortos], e a caçadas doidas estamos associados?
Que todo o exército, com duas hastas
nas mãos, me cruento!
[...]
Ó curso do [rio] Escamandro próximo,
benevolente para os argivos,
não mais debes ver este homem – direi
palavra grandiosa – como o qual Tróia
não viu na tropa vinda da terra
grega – mas que agora, desonrado [*átimos*],
assim jaz.
(Sóf., *Ajax*, v. 404-408; 419-427)

Para escapar da humilhação e do poder que sobre ele pode exercer Agamémnon, Ajax somente enxerga a morte e, na falta de um combate que lhe assegurasse o desejado trespasse, decide morrer por suas próprias mãos.

É vergonhoso um homem precisar de longa vida,

se ele em nada altera seus males.
Pois em que o dia a dia lhe pode satisfazer
se o aproximou – mesmo ao afastá-lo – da morte?
Eu não estimaria digno de nenhuma menção o mortal
que em vazias esperanças incandesce.
Não; ou nobremente viver [*kalôs záoō*] ou nobremente morrer [*kalôs thnēskō*]
ao homem bem nascido [*eugenēs*] convém!
(Sóf., *Ájax*, v. 473-480)

Ájax se suicida atirando-se contra a própria espada, previamente fincada no solo. Mas, embora morto, Ájax ainda pode ser atingido pelo poder dos Atridas por meio do tratamento a ser dispensado a seu cadáver. A disputa em torno do corpo de Ájax ocupará toda a parte final da peça e envolverá, de um lado, Teucro, meio-irmão do herói morto (filho de Telamon e de uma nobre de terra estrangeira, prêmio de guerra, convertida em escrava), e, de outro, os irmãos Agamémnon e Menelau. Mas, diferentemente dos combates por cadáveres descritos nos poemas homéricos, aqui a disputa pelo corpo de Ájax se desenvolverá essencialmente por meio de argumentos, discursos, *lógoi*, ainda que a ameaça de se recorrer à força das armas e do combate corpo a corpo esteja sempre presente nas argumentações apresentadas.

Quem primeiro tenta proibir Teucro de dar honras fúnebres ao irmão é Menelau: “Tu aí [Teucro]! Falo a ti! Este morto com tuas mãos / não recolhas, mas deixa-o como está” (v. 1047-1048). A primeira justificativa de Menelau para obrigar Teucro a deixar insepulto o cadáver de Ájax é a de que, embora aqueu, se trata de um inimigo:

tendo esperado de casa trazê-lo
como um aliado e amigo dos aqueus,
achamos, ao procurar, inimigo pior que os frígios
ele que da tropa inteira planejou a cruentação
e à noite atacou para nos capturar com lança [...].
(Sóf., *Ájax*, v. 1052-1056)

Esta justificativa parece procurar adequar a decisão tomada pelos atridas (“não há homem poderoso o bastante / para seu corpo sepultar em tumba, / mas, em amarelada areia jogado, / para as aves marinhas pábulo será!”) aos procedimentos assinalados pela tradição homérica; na *Ilíada*, o ultraje – ou a ameaça de ultraje – ao cadáver tem sempre por alvo um inimigo, um combatente situado na fileira adversária. Ájax, no entanto, lutou todos os dez anos da guerra ao lado dos gregos, cujos chefes agora decidiram por negar-lhes quaisquer homenagens fúnebres. Portanto, é necessário situar Ájax no campo do inimigo, do *outro*,

demonstrar que Ájax era um falso aliado, um combatente que, conforme se descobriu, era mais perigoso que os próprios troianos.

Mas a sequência do *lógos* de Menelau revela outras motivações a demandar o ultraje ao cadáver de Ájax. O rei de Esparta abre a segunda parte de seu discurso afirmando que, quanto a Ájax, quando vivo, “não pudemos [Menelau e Agamémnon] dominar, / ao menos, ele morto, comandaremos, queiras ou não”. Menelau acusa Ájax de insubmissão, de não se dobrar à autoridade dos chefes. Trata-se de um argumento que não encontra paralelo nas tradições homéricas. Quando Heitor, Aquiles ou Odisseu ameaçavam, na *Ilíada*, ultrajar o cadáver de um oponente, tratava-se sempre de um guerreiro altercando com outro guerreiro do campo oposto; a ameaça – ou o ultraje – servia para exibir uma superioridade em termos de virtude combatente, de capacidade guerreira. Aqui, o ultraje pretendido por Menelau visa a afirmação da superioridade em poder, em autoridade, em capacidade de mando. Ájax está exposto ao ultraje de seu cadáver não por ser derrotado em combate, mas por se mostrar insubmisso aos detentores da autoridade. Embora inicialmente Menelau procurasse situar Ájax no campo do inimigo – um inimigo “pior que os frígios” –, portanto, fora da comunidade dos combatentes gregos, o que se revela, afinal, é a afirmação da autoridade dirigida para o interior desta mesma comunidade de combatentes. Ájax não era um inimigo – um troiano – e, por isso, recusava a autoridade dos chefes; pelo contrário, Ájax não reconhecia a autoridade dos chefes e por isso deveria ser tratado como inimigo – inclusive submetendo-o à ofensa de seu cadáver.

Este raciocínio de Menelau – que também será o de Agamémnon – continua a ser desenvolvido nos versos seguintes:

[...] jamais leis [*nómoi*] prosperariam em cidade
onde não estivesse estabelecido o temor [*déos*],
nem tropa sensatamente seria comandada
não tendo a barreira do medo [*phóbos*] ou do pudor [*aidōs*]!
Um homem deve, mesmo se desenvolver corpo grande,
saber que pode cair mesmo por mal pequeno.
Fica sabendo que salvação tem aquele
que acompanham temor [*déos*] e vergonha [*aiskýnē*] juntos;
onde é permitido exceder-se e fazer o que quiser,
considera que esta cidade, com o tempo,
depois de sob aura singrar, no pélago cai!
(Sóf., *Ájax*, v. 1073-1083)

Menelau não se preocupa em discutir se a decisão dos chefes – em conceder as armas de Aquiles a Odisseu, preterindo Ajax – foi ou não justa; ele afirma o princípio de que a decisão das autoridades deve ser respeitada, mesmo por aqueles de “corpo grande”, guerreiros poderosos, de elevada estatura. O atrida, nestes versos, nitidamente tem em mira não um estranho, um inimigo, um frígio; ele dirige sua intenção para o interior de uma comunidade – uma cidade ou um exército. E, por sua concepção, jamais poderia existir uma comunidade bem ordenada onde não imperasse o medo e o pudor, sentimentos que devem ser alimentados em relação aos detentores da autoridade. A tentativa de ultrajar o cadáver de Ajax, da parte dos atridas, se mostra como uma estratégia de imposição, aos membros do exército, de um aprendizado pelo exemplo. Todos devem estar cientes do que acontece com os que desrespeitam a autoridade – é neste sentido que medo e pudor são essenciais para a manutenção da ordem. Desta forma, o ultraje ao cadáver se converte, em Sófocles, em subterfúgio para a demonstração do poder.

Embora coubesse a Teucro a defesa do cadáver de Ajax, Sófocles não concede que seja este personagem que responda, em toda profundidade, aos argumentos levantados por Menelau. Teucro se limita, em sua réplica, a abordar questões secundárias do discurso do oponente: ele se opõe a que Menelau encare Ajax como alguém submetido à sua autoridade política; afinal, seu irmão era da casa real da cidade de Salamina e não foi como súdito, e sim como aliado, que ele compareceu a Tróia para compor as fileiras do exército aqueu:

Vieste [Menelau] como rei de Esparta, não nosso dono;
e que tu o governasses [a Ajax] não estava posto
como lei de comando – não mais que ele a ti;
comandado por outros para cá vogaste – não chefe
de todos de modo a um dia conduzíres Ajax.
Não, comanda aqueles que comandas! Com majestosas
palavras castiga-os! Mas este, quer tu digas não,
quer outro chefe, em tumba eu deporei
conforme a justiça, sem temer tua boca!
(Sóf., *Ajax*, v. 1102-1110)

Teucro não questiona as concepções de Menelau – de que o ultraje ao cadáver seja utilizado como mecanismo de afirmação do poder em uma comunidade. Ele apenas se recusa a admitir que Ajax fizesse parte desta comunidade comandada pelos atridas e, portanto, que estivesse submetido ao poder de Agamémnon e Menelau. A autoridade de que fala Menelau – com o que ela impõe de medo e pudor – deve ser exercida junto aos guerreiros que os atridas

trouxeram de Argos e Esparta (“comanda aqueles que comandas”), mas não pode ser estendida a todos os gregos presentes em Tróia.

À contenda irá se juntar, alguns versos adiante, Agamémnon, que entra em cena com a intenção de fazer cumprir a determinação de manter insepulto o cadáver de Ájax. O discurso do chefe do exército mistura argumentos já apresentados por Menelau (não há comunidade estável onde não há respeito à autoridade dos chefes; o poder deve fazer dobrar não apenas os pequenos, mas também os grandes) com insultos contra a origem de Teucro, filho de uma escrava (“Tu, sim; ao filho da cativa estou falando!”; “Sabendo quem és por nascença, / não trarás aqui um outro homem, um livre / que para nós, em teu lugar, fale por ti? / Tu falando, eu não mais posso entender: / a bárbara língua não compreendo!”) e, ainda, com ameaças de assegurar ao oponente o mesmo destino reservado a Ájax.

Teucro tenta responder às ironias e ameaças de Agamémnon. Destaca que sua mãe, embora estrangeira, era de ascendência nobre; lembra as origens bárbaras do avô de Agamémnon, Pélops; salienta o valor guerreiro demonstrado por Ájax ao longo da campanha contra os frígios; por fim, vincula a defesa do corpo de Ájax à afirmação de sua própria, de Teucro, honra: “pois é-me mais belo [*kalós*] morrer manifestamente / penando por ele [pelo cadáver de Ájax] do que por tua mulher... / ou pela de teu consanguíneo [Menelau], eu diria” (*Ájax*, v. 1310-1312).

O embate em torno do cadáver somente terá conclusão com a chegada de Odisseu, guerreiro que, por seu temperamento cauteloso e por sua inteligência particularmente astuciosa é, tomado, por Ájax e por Teucro, como embusteiro, velhaco, *pantourgós*. Mas o perfil que dele traça Sófocles revela um comandante sensato, prudente, conciliador, atento tanto às vicissitudes do comando como à necessidade de observação dos direitos tradicionais, em particular os direitos reconhecidos aos mortos. É, então, Odisseu quem irá se insurgir contra a pretensão dos atridas de que, diante do poder das autoridades, cabe aos demais, aos grandes e aos pequenos, simplesmente ceder.

Escuta então [a Agamémnon]: este homem [Ájax] – pelos deuses! –
não ouses tão insensivelmente atirar insepulto!
Que a violência [*bía*] de modo algum te force
a odiar tanto que chegues a pisar a justiça [*díkē*]!
Também contra mim ele era antes o mais hostil da tropa,
desde que me apoderei das armas de Aquiles.
Mas ainda que tenha sido tal para mim, eu
em todo caso não o desonraria, a ponto de não dizer

que vi nele o homem melhor [*áristos*] dentre os argivos
– quantos em Tróia chegamos – exceto Aquiles.
Assim, não com justiça seria desonrado por ti:
não seria ele, mas as leis dos deuses
que destruirias. O homem bravo, se morre,
lesar não é justo – nem se o estás odiando!
(Sóf., *Ájax*, v. 1332-1345)

Odisseu claramente pretende que exercício da autoridade e do poder não deve ser absoluto; todo aquele que exerce o poder, ao recorrer à violência, *bía*, deve recuar diante da injustiça. Honrar ao cadáver é uma exigência perante as “leis dos deuses” e tais leis devem ser respeitadas mesmo por aqueles que detêm a capacidade de mando (ultrajando o cadáver do guerreiro, “não seria ele [*Ájax*], mas as leis dos deuses” que Agamémnon destruiria). Desta forma, para Odisseu, o poder do rei deve ser limitado pela observância às leis divinas e, dentre estas, sobressai a necessidade de honrar os mortos – ao menos mortos ilustres como *Ájax*, o *áristos* dentre os argivos... exceto Aquiles – com os devidos ritos fúnebres.

Agamémnon procura retrucar as argumentações de Odisseu e afirma que “não é fácil ao tirano [*týrannos*] ser bem-piedoso [em grego, *eusebeîn*, “demonstrar piedade religiosa”]” (v. 1350). Ou seja, para o comandante do exército, não é fácil conciliar o exercício do poder com sentimentos – ainda que sentimentos piedosos e religiosos – que levam a limitações a este poder. As réplicas e trélicas que se sucedem aprofundam a discussão:

Agam.: Não é fácil ao tirano ser bem-piedoso!
Odis.: Mas honrar os amigos bem-falantes o é!
Agam.: Ouvir aos que estão no topo cabe ao bravo homem.
Odis.: Para! É se te rendes aos amigos que comandas!
[...]
Agam.: E tais amigos aprovas tu que ganhemos?
Odis.: Rígida alma eu não desejo aprovar.
Agam.: Tu nos mostrará neste dia como covardes?
Odis.: Na verdade, como homens justos a todos os helenos!
Agam.: Exortas-me então a permitir que se sepulte o cadáver?
Odis.: Sim; pois também eu a este ponto chegarei.
(Sóf., *Ájax*, v. 1350-1365)

Para Odisseu, portanto, os que detêm o poder devem se impor vários limites – não apenas aqueles ditados pelas “leis divinas”. O rei deve saber honrar os amigos “bem-falantes”, ou seja, deve saber acatar os conselhos dos que lhe são próximos. E quando Agamémnon retruca que os homens de valor devem obedecer aos que estão “no topo”, aos que detêm mando, Odisseu afirma que, por paradoxal que pareça, o comandante somente pode comandar

quando aprende a ceder aos conselhos dos amigos (“é se te rendes aos amigos que comandas!”). Enquanto Agamémnon entende que um comandante que cede perante outros denota covardia, para Odisseu, tal comandante apenas se mostra, aos olhos dos helenos, como justo, legítimo, *éndikos*.

É importante observar que, em todo este debate, nem Teucro, nem Menelau, Agamémnon ou Odisseu, referem-se a qualquer concepção religiosa relativa ao *destino do espírito do morto* para fundamentar seus argumentos. Em nenhum momento se afirma a necessidade de honrar o cadáver para permitir o ingresso do morto nos domínios de Hades, nem se fala em prestar honras fúnebres por temor à capacidade do morto em interferir nos acontecimentos que transcorrem no mundo dos vivos. Pela conclusão do debate, implícita na argumentação de Odisseu, os homens devem sempre honrar os mortos para, assim, se mostrarem piedosos perante os deuses e justos perante os homens.

Embora sem se convencer da argumentação apresentada por Odisseu, Agamémnon permite que o cadáver de Ajax seja sepultado, como uma concessão pessoal ao rei de Ítaca (diz Agamémnon a Odisseu: “certifica-te bem disso: que eu / a ti concederia favor até maior que este; / já ele, estando lá ou aqui, para mim igualmente / hostilíssimo será. Mas tu podes fazer o que deves”, v. 1370-1373).

Como no caso da *Iliada*, os versos finais de *Ajax* relatam a preparação de um funeral. A última fala da peça é de Teucro, que distribui ordens aos companheiros de Ajax para que se organizem as honras devidas ao guerreiro:

Basta! pois já é decorrido muito
tempo. Vós, cava cova
com as mãos despachai! Vós, alto
tripé próprio para abluções sacras
ponde circumflamante! Uma companhia
de homens traga da barraca as armas
que escudo cobria!
Criança [a Eurísaces, filho de Ajax e Tecmessa], na medida de tuas forças
ternamente aflora teu pai e comigo
soergue este flanco! Pois ainda cálidos
jorros expelem acima
negra alma. Sus! Todo amigo que
diz assistir, avance, ande,
penando por este homem todo-valoroso
– ninguém melhor entre os mortais!
De Ajax – quando existia – isso falo!
(Sóf., *Ajax*, v. 1402-1417)

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Uesc) e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). jaquelynequeiroz@hotmail.com

² SÓFOCLES. *Ájax*. Tradução de Trajano Vieira. In: ALMEIDA, Guilherme; VIEIRA, Trajano. *Três tragédias gregas: Antígone, Prometeu prisioneiro, Ájax*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 185-227

³ HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 2ª Edição, São Paulo: Ediouro, 2009.

⁴ OLIVEIRA, Flávio Ribeiro. Apresentação. In: SÓFOCLES. *Aias*. Apresentação e tradução Flávio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Iluminuras, 2008. p. 7-52.